Dr. Dave Mathewson, Literatura do Novo Testamento, Aula 5, Natal e o Cânon

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Dave Mathewson apresentando História e Literatura do Novo Testamento, palestra 5 sobre o Natal e o Cânon.

Tudo bem, vamos em frente. Estivemos olhando para, embora eu queira passar por isso rapidamente para que possamos chegar ao próprio texto do Novo Testamento, estamos olhando para o ambiente em torno do Novo Testamento ou o ambiente a partir do qual o Novo Testamento cresceu, tentando preparar o cenário para você histórica, política, religiosa e culturalmente, o que estava acontecendo antes e durante o tempo da produção do Novo Testamento.

Portanto, é necessário compreender o Novo Testamento com mais clareza. É útil compreender alguns dos antecedentes e do ambiente que ajudaram a produzi-lo, ou pelo menos a situação em que foi produzido. E novamente, como o Novo Testamento é afetado por isso, como ele interage com isso, como pode criticar esse ambiente, etc.

Portanto, não vamos apenas olhar para isto e depois deixá-lo de lado, mas esperamos que este material seja mencionado com bastante frequência quando começarmos a olhar para os próprios documentos do Novo Testamento. Terminamos a semana passada examinando, começando a observar parte do ambiente histórico-cultural e como isso realmente afeta a maneira como interpretamos um texto selecionado do Novo Testamento. Acabei de analisar alguns exemplos como exemplos para você ver como a compreensão do contexto pode realmente nos levar a ler parte do texto de maneira muito diferente do que estamos acostumados.

Mas vamos começar com oração e então começaremos a falar um pouco sobre a história do Natal como um exemplo de como nossa formação, nosso ambiente, nossa cultura e até mesmo nossas tradições, religiosa, teológica e histórica, muitas vezes moldam a forma como lemos o Natal. história, como às vezes preenchemos algumas lacunas na compreensão da história, mas como olhar para o texto novamente e talvez lê-lo às vezes e através dos olhos de como os leitores do Primeiro Século podem tê-lo lido ou pelo menos entender como nossa formação influencia a forma como lemos a história e talvez ver se existem formas alternativas de olhar para ela também, formas que podem não ser tão influenciadas pela nossa formação, pela nossa tradição, etc.

Mas vamos começar com a oração e depois terminaremos e passaremos a fazer algumas outras perguntas relacionadas à maneira como lemos e interpretamos o Antigo Testamento. Tudo bem.

Pai, obrigado pelo privilégio de estudar sua palavra em um ambiente acadêmico, mas que espero que seja muito mais do que acadêmico, mas que informará a maneira como a lemos como seu povo, a maneira como a lemos como sua palavra, entendendo que ao ler em seu contexto, de certa forma, estamos respeitando a maneira como você escolheu se revelar, percebendo que você se revelou em um local histórico muito específico, em um ambiente religioso e político muito específico, e para pessoas muito específicas, e essa compreensão que irá ajudar-nos a chegar a uma maior compreensão e apreciação da sua palavra e como ela continua a falar conosco hoje. Portanto, oramos para que você guie nossa discussão e guie nossos pensamentos. Em nome de Jesus, oramos. Amém.

Tudo bem. Então olhamos para a história do Natal do ponto de vista de uma forma bastante tradicional de abordá-la e eu tentei, falamos um pouco sobre várias das formas comuns de responder a estas perguntas e uma forma comum de conceber a história do Natal que é em grande parte, muito disso, colorido por nossas tradições e pela maneira como fomos levados a ler a história e a ouvi-la, mas sugeri que quando você voltar e olhar para o texto em si, verá que uma série dessas características, especialmente à luz do seu ambiente, algumas destas características podem exigir respostas diferentes.

Por exemplo, dissemos, especialmente o segundo, a estalagem, e o estalajadeiro, é óbvio quando você lê o texto, não apenas não há menção a um estalajadeiro, mas a palavra estalagem na verdade vem de um termo grego que é melhor traduzido como quarto de hóspedes. Assim, Maria e José não foram para uma pousada e pagaram hospedagem para a noite ou o horário, mas em vez disso, ficaram em um quarto de hóspedes de uma casa que provavelmente pertencia a um parente deles. O fato, novamente, do último que terminamos, o fato de que diz que não havia lugar para eles nesta casa de hóspedes, então quando chegou a hora de Maria dar à luz, ela deu à luz um filho, e o deu à luz. numa manjedoura, falaremos sobre isso porque não havia lugar para eles no quarto de hóspedes.

Tudo o que isso significa não é que Maria e José viajaram para Belém e ficaram no estábulo o tempo todo, eles provavelmente muito bem, podem muito bem ter ficado neste quarto de hóspedes, mas quando chegou a hora do bebê nascer, quem quer ter um bebê em um quarto que você divide com várias outras pessoas? Então foram para o único lugar tranquilo e privado da casa, que seria o estábulo, onde ficava a manjedoura. Agora, o estábulo, embora novamente visualizemos esta grande e espaçosa área com todas as vacas e ovelhas e todas essas coisas ao redor de Jesus, a referência ao estábulo, embora novamente não diga claramente um estábulo, apenas se refere a Jesus sendo colocado em uma manjedoura. O mais provável é que

isso se refira, é que a maioria das casas teria uma pequena, pode ter sido uma espécie de estrutura semelhante a um armário ou mesmo um alpendre na lateral da casa, onde eram guardadas coisas como a manjedoura e outras coisas. material para cuidar das ovelhas e dos animais e coisas assim.

E novamente, então, onde Maria e José foram provavelmente não foi para alguma caverna, provavelmente não foi algum celeiro ou estrutura elaborada em algum lugar atrás da casa, mas provavelmente foi um pequeno quarto ou alpendre, um pequeno estábulo anexado aos fundos ou ao fundo. lado da casa. E naquele estábulo, sem dúvida teriam encontrado, entre outras coisas, uma manjedoura, que é basicamente um comedouro, como muitos de vocês sabem. No entanto, eu olhei para ele, tinha uma foto de um e não tenho certeza do que aconteceu com ele, não consigo encontrá-lo no meu PowerPoint, mas notei uma série de fotos de comedouros ou manjedouras que foram descobertas e, curiosamente, um tipo muito comum de manjedoura era uma pequena, na verdade, uma pequena pedra, teria sido um buraco escavado em uma rocha.

E você pode imaginar, se Jesus foi colocado em uma manjedoura que era uma rocha, uma pedra, isso aumenta ainda mais a humildade e as circunstâncias humilhantes sob as quais Jesus nasceu. Mais uma vez, nós o domesticamos, muitas vezes imaginamos Jesus nesta bela coisa tipo caixa de madeira sobre palafitas que tem feno saindo dela, e é provavelmente tão confortável quanto a cama em que durmo. Mas é possível, Jesus, se ele estivesse deitado nesta manjedoura, poderia ter sido esta rocha, esta pedra, com um buraco nela, e novamente, eles teriam derramado o grão ali, e é isso que o gado ou o gado teria comido fora.

Então, mais uma vez, muitas vezes, quando fazemos aquela referência a Jesus sendo colocado em uma manjedoura, temos imagens bastante elaboradas de como isso seria, mas provavelmente teria sido muito mais humilhante e muito mais realista. Se este for algum pequeno alpendre ao lado da casa, novamente, o único lugar tranquilo e privado que Maria poderia encontrar para dar à luz Jesus, e se ele talvez tivesse sido colocado nesta pedra, nesta grande rocha com um buraco escavado nele, esse foi o único lugar que encontraram para colocar Jesus. De qualquer forma, a questão é que, muitas vezes, quando abordamos textos, precisamos estar cientes do fato de que frequentemente os abordamos com nossas próprias suposições.

Às vezes eles não são declarados. Às vezes, nossas suposições são subconscientes. Não temos consciência de como nossa formação está influenciando a forma como interpretamos.

Outras vezes, lemos as coisas à luz de como fomos ensinados a lê-las, de como fomos ensinados pelas nossas igrejas, de como crescemos. Às vezes, nossa própria formação cultural e nossas próprias experiências influenciam a maneira como lemos o texto, e isso é necessário. Isso não é ruim e não está errado.

É apenas a realidade. Mas precisamos de estar conscientes do facto de que isso está a acontecer, e precisamos de estar abertos a deixar o texto e deixar o nosso estudo do contexto histórico e do contexto religioso e histórico e político e climático e cultural, precisamos de deixar que isso desafiar nossas suposições e desafiar a maneira como lemos um texto, e talvez nos faça olhar para ele sob uma luz diferente. Então, basta perceber que, na minha opinião, ninguém consegue interpretar nada com total objetividade.

Esta noção de que, de alguma forma, você e eu somos uma esponja seca, apenas esperando para absorver dados objetivamente, livres, impedidos e não filtrados por nossos preconceitos, é simplesmente falsa. Se você fosse apenas uma esponja em branco, não conseguiria entender nada. São nossas experiências e conhecimentos que nos ajudam a compreender as coisas.

Ao mesmo tempo, devemos estar cientes daquilo que influencia a maneira como lemos, e deixar que o texto das Escrituras desafie e transforme a maneira como pensamos sobre ele e a maneira como o lemos, para tentar entendê-lo à luz de do modo como Deus o pretendia, e à luz do modo como os primeiros autores humanos o pretendiam, à luz da sua cultura e da sua formação, e não, antes de mais, à luz da nossa. Agora, isso nos leva a outra questão, voltando à seção anterior à história do Natal recontada. O que isso significa? O que significa ler criticamente o Novo Testamento? A maioria de nós, quando ouvimos isso, tenderia a evitar equiparar a leitura da Bíblia com a crítica, ou seja, abordar a Bíblia de forma crítica, ou talvez, ao ler seu livro de introdução do Novo Testamento, você seja apresentado a diferentes métodos de crítica, como crítica histórica, e crítica textual, e crítica de redação, crítica de fonte.

Esses são rótulos diferentes para diferentes abordagens de interpretação do Novo Testamento. E a questão é: como cristãos que afirmam que a Bíblia é, em certo sentido, a palavra de Deus, que lugar desempenham os métodos críticos ou uma abordagem crítica, que papel podem desempenhar na leitura do Novo Testamento? Ou, como cristãos, não deveríamos ter nada a ver com isso? Então, em primeiro lugar, o que significa ler a Bíblia de forma crítica? O problema é como definimos essa palavra, porque geralmente quando ouvimos a palavra crítica ou abordamos algo de forma crítica, o que geralmente vem à nossa mente? Ou o que pensamos em termos do que isso envolve ou do que isso parece? Então, se você ouvir a palavra crítico, o que vem à sua mente? Cético. Cético.

Portanto, uma abordagem crítica do Novo Testamento é aquela que será cética em relação a ele. Algo mais? Muito mais literal. Uma maneira muito diferente de ver isso.

Alguém mais? Sim. Muito analítico, utilizando outros materiais e outras fontes para tentar ajudá-lo a compreender o texto. Então, você vê essas três maneiras muito diferentes de encarar as críticas.

Normalmente, o problema é que quando pensamos em crítica, muitas vezes pensamos na primeira menção de algo cético ou destrutivo. Portanto, uma abordagem crítica é aquela que é crítica em termos de ser cético, negar, duvidar ou tentar minar e questionar. E, de fato, muitas abordagens críticas da Bíblia não passam disso.

No entanto, há outra maneira de ver isso. A crítica também implica olhar, analisar um texto ou analisar o texto do Novo Testamento num esforço para compreendê-los mais correctamente e para fornecer justificação e razão pela qual pensamos que o fazemos. Portanto, nesse sentido, o oposto da crítica não é ser mais piedoso ou piedoso.

O oposto da crítica seria ser ingênuo e simplesmente aceitar algo sem ter motivo para fazê-lo. Portanto, quando falamos sobre abordar a Bíblia de forma crítica, desse ponto de vista, espero que todos nós aprendamos a ser críticos do Novo Testamento. Não do ponto de vista de miná-lo ou de ser cético, mas do ponto de vista de fazer perguntas sobre o texto e perguntar por que pensamos dessa maneira.

Por que é que penso que este texto significa isso? Ou por que acho que o Novo Testamento diz isso? E fornecer justificativas e razões para compreendê-lo, o que, novamente, é parte da razão pela qual estamos olhando para o contexto histórico, cultural e religioso para tentar formar, para tentar nos dar material e contexto para trazer para o texto para nos ajudar a compreendê-lo melhor e mais plenamente. E assim, nesta aula, quando pudermos falar sobre diferentes métodos de crítica, esperamos que entendamos isso, não em termos de ser destrutivo, duvidar, negar e ser cético, embora possa fazer isso, mas mais no sentido de fornecendo justificativa e razão para as conclusões que tiramos. Isto é, não apenas para me apegar a algo porque acho que é assim ou porque fui ensinado assim, mas por essas razões ou para fornecer justificativas.

Também desse ponto de vista, uma das perguntas ou críticas que ouço frequentemente dos estudantes é que na faculdade é fácil tratar o Novo Testamento ou é fácil tratar a Bíblia como um livro didático. Não tenho tanta certeza de que isso seja uma coisa ruim. Na verdade, acho que isso é uma coisa boa.

É necessário e desejável porque mostra que estamos pensando criticamente. Mostra que estamos a lidar com um documento que é muito diferente de nós, que foi produzido num local e num ambiente muito diferentes. E a solução não é parar de tratar a Bíblia como um livro didático.

A solução não é parar por aí, mas trabalhar duro para integrar o que aprendemos na sala de aula em nossas vidas devocionais, em nossa adoração, em nossa leitura pessoal das Escrituras, para garantir que isso seja baseado nos tipos de métodos e coisas aprendemos em sala de aula. Então, novamente, esperançosamente, às vezes a Bíblia parecerá um livro didático e isso é natural e desejável. Mas o problema é que esse não é o problema.

O problema é se pararmos por aí e não conseguirmos fazer o trabalho árduo de integrá-lo nas nossas vidas hoje, nos ambientes sociais, históricos, religiosos e políticos em que nos encontramos hoje. Agora, antes de darmos uma volta e, esperançosamente, chegarmos cada vez mais perto do exame dos documentos em si, antes de fazermos isso, há uma outra questão, um pouco mais geral, que é: como obtivemos nosso Novo Testamento? E, na verdade, uma aula inteira provavelmente poderia ser dedicada a abordar essa questão. Mas como é que os documentos que temos agora, de Mateus a Apocalipse, fazem parte das nossas Bíblias, como é que chegamos a isso? Ou como esses livros chegaram até nós precisamente como o Novo Testamento? Reconhecendo que na verdade, no primeiro século, havia uma série de outros documentos que eram o Novo Testamento, os livros não foram os únicos escritos.

Houve numerosos documentos escritos antes e depois da época do Novo Testamento. Então, como esses 27 documentos, de Mateus a Apocalipse, foram incluídos no Novo Testamento? E, novamente, meu tratamento disso será muito superficial e serve apenas para dar a vocês uma perspectiva ampla e um tipo de compreensão sobre como isso aconteceu. O ponto de partida é obviamente o fato de que depois, apenas assumindo por enquanto que o livro de Apocalipse foi o último livro escrito no Novo Testamento, lembre-se de que o fato de que ele vem por último não é necessariamente porque foi escrito por último.

O Novo Testamento está organizado de forma lógica. Não está organizado na ordem em que os livros foram escritos, está organizado de forma lógica. E assim, o Apocalipse logicamente vem por último.

Mas provavelmente foi cronologicamente que um dos Evangelhos de João foi provavelmente o último, qualquer um desses dois teria sido o último escrito. Agora, vamos supor por um momento que o livro de Apocalipse foi o último livro escrito. Depois que João escreveu Apocalipse, a igreja não acordou no dia seguinte com um Novo Testamento no colo.

Eles não acordaram no dia seguinte ao Apocalipse ter sido escrito com uma lista de documentos do Novo Testamento que eles chamaram de Novo Testamento. Na verdade, novamente, vimos logo no primeiro dia de aula que Novo Testamento não era um termo aplicado ao que chamamos de Novo Testamento até um pouco mais tarde. Então, a igreja não acordou com uma Bíblia, um Novo Testamento no colo.

Eles já tinham o Antigo Testamento. Você não precisa ler muito os Evangelhos para ver as referências de Jesus à Lei e aos Profetas ou à Lei e aos Profetas nos escritos e citando textos do Antigo Testamento e os autores do Novo Testamento, todos citando textos do Antigo Testamento. Então, a igreja já veio com uma Bíblia que chamamos de Antigo Testamento, embora eles não a chamassem necessariamente assim.

Mas e essa coisa que chamamos de Novo Testamento? De onde veio? Novamente, certamente teria sido mais fácil se Deus simplesmente tivesse fornecido uma lista dos livros que quero que você inclua no Novo Testamento. Mas Ele não trabalhou dessa maneira. Em vez disso, o que você vê é que o processo de determinação do Novo Testamento foi bastante longo e demorado.

E foi somente aproximadamente no século IV que temos o século IV e finalmente temos referência à lista completa do Novo Testamento. Portanto, parece que Deus realmente trabalhou através de um processo bastante histórico e normal de debate e, na verdade, selecionou entre os membros da igreja quais documentos eles aceitariam como escrituras autorizadas. Agora, a primeira coisa a ser dita é que a igreja tem um Novo Testamento, novamente, estou usando as palavras Novo e Antigo Testamento apenas porque essas são palavras comuns de usar e percebo que não é assim que elas teriam sido chamadas no primeiro século.

Eles ainda não tinham um Novo Testamento e provavelmente não teriam chamado os outros de nosso Antigo Testamento, não teriam chamado de Antigo Testamento. Mas, novamente, qual era a justificativa para que, se eles tivessem o que chamamos de Antigo Testamento, por que precisariam de um Novo Testamento? Qual é a justificativa para um grupo adicional de escritos? Bem, novamente, parece que a razão é porque, como vimos novamente no primeiro dia, a relação entre o Antigo e o Novo Testamento é de promessa e cumprimento. O Antigo Testamento antecipa um dia em que Deus estabelecerá uma nova aliança onde ele enviará um libertador, um salvador, um messias para restaurar o seu povo e para restabelecer uma aliança para estabelecer a nova aliança porque a Antiga Aliança falhou ou melhor, Israel falhou sob a Antiga Aliança.

Os profetas do Antigo Testamento prometem um tempo em que Deus restaurará o seu povo e realizará uma nova criação. Ele enviará o seu libertador, um messias que se sentará no trono de David e que estabelecerá uma nova aliança e inaugurará uma nova aliança com o seu povo. Agora, sendo Jesus Cristo quem cumpre isso, é natural que assim como houve um conjunto de escritos que testificavam que Deus lidava com seu povo em uma Antiga Aliança, é natural que aquela escritura da Antiga Aliança, o que chamamos de Antigo Testamento, na medida em que antecipa um tempo em que Deus estabelecerá uma nova aliança sob um messias com seu povo reunido e restaurado, é natural que aqueles escritos que testificam dessa nova

aliança cumprida em Cristo também sejam considerados como escrituras ao lado da Antiga Aliança. escritura.

Portanto, o Novo Testamento não é apenas um apêndice, não é uma espécie de complemento, é na verdade uma espécie de clímax e cumprimento das escrituras do Antigo Testamento. Novamente, é um grupo de escritos que, assim como o Antigo Testamento, são escritos que testificam da Antiga Aliança de Deus tratando com Israel, agora naquilo que foi cumprido em Cristo com a inauguração de uma nova aliança e com a vinda de Jesus como um Messias, é natural que os documentos que testificam disso também sejam considerados escrituras autorizadas. Agora, o que significa a palavra cânone? Literalmente, e não me lembro se o seu livro fala sobre isso, a palavra cânone significava literalmente uma cana, então não estamos falando de um instrumento de guerra, cânone, a palavra grega significava uma cana, e por extensão você pode ver que aquela cana teria sido usada para medir coisas, uma certa seção da cana teria funcionado como uma régua como unidade de medida.

Além disso, por extensão, a palavra cânone poderia então se referir a uma coleção de escritos que se comparassem. Assim, quando nos referimos ao cânon do Novo Testamento, estamos nos referindo a uma coleção de escritos autorizados, uma coleção de escritos que atendem ou atendem aos critérios, a medida para serem considerados como escrituras autorizadas. Isso é tudo o que entendemos por cânon do Novo Testamento, o grupo de escritos que funciona como escritura oficial para o povo de Deus.

Agora, de onde veio isso? Novamente, como isso surgiu? Tem havido um ressurgimento bastante persistente ultimamente de uma visão, e ela encontrou uma expressão muito popular não muito tempo atrás com a produção do Código Da Vinci, alguns de vocês o leram, e tenho certeza que a maioria de nós já passou disso. e sobre outras coisas, mas há alguns anos, quando Dan Brown escreveu o Código Da Vinci, ele na verdade popularizou uma abordagem bastante comum entre alguns estudiosos do Novo Testamento, e essa é a ideia de um grupo de escritos autorizados, um cânone, realmente só surgiu muito, muito mais tarde. Nos primeiros dois ou três séculos da igreja primitiva, havia uma diversidade de documentos e de perspectivas religiosas sob a égide do Cristianismo, e nenhum deles era visto como correto. Eles meio que competiam e disputavam atenção, e isso realmente não aconteceu até que o Imperador Constantino, no século IV, decidiu quais livros, se todos concordariam com isso, a maneira como Da Vinci o expressa é irrelevante, e é claro que ele estava escrevendo um livro de ficção. livro de qualquer maneira, mas essa é uma perspectiva bastante comum.

Só algum tempo depois a igreja, o grupo mais poderoso da igreja, decidiu como seria o cristianismo, e aqui estão os documentos que consideraremos como escrituras, e todo o resto foi meio que varrido para baixo do tapete. E essa é uma visão bastante popular de uma concepção comum, de que nos primeiros três, dois, três séculos, o

Cristianismo tinha perspectivas muito diversas e até concorrentes. Não havia nenhum grupo de escritos considerados escrituras.

Houve muitos escritos diferentes e, novamente, só algum tempo depois é que basicamente os vencedores venceram. Os vencedores determinaram a aparência do Cristianismo. No entanto, olhando para algumas das evidências do Novo Testamento, parece que, embora a igreja não tenha acordado com um cânon, uma lista bem formada de escritos em seu colo no dia seguinte após a escrita de Apocalipse, e em vez disso, na verdade, levou um tempo. processo de quase 300 anos para determinar a extensão do Novo Testamento, os documentos que a igreja agora considera como escrituras, não é verdade dizer que esse processo só ocorreu mais tarde.

Parece que em alguns aspectos já estava em andamento. Por exemplo, isso vem de um dos seus documentos do Novo Testamento, a carta de 2 Pedro, e aqui está o que 2 Pedro diz, e 2 Pedro provavelmente foi escrito bem depois da vida de Paulo, o apóstolo Paulo. Pedro diz, assim também nosso amado irmão Paulo, que provavelmente já foi martirizado e morto a essa altura, nosso amado irmão Paulo escreveu para você de acordo com a sabedoria que lhe foi dada, falando como ele fala em todas as suas cartas.

Há algumas coisas neles que são difíceis de entender. Bem, isso é reconfortante. Se Peter teve dificuldade em entender, então talvez eu possa ser desculpado por não ser desleixado e não tentar, mas pelo menos se achar algumas coisas difíceis.

Mas ele diz que escreveu algumas coisas que são difíceis de entender, que os ignorantes distorcem como fazem com as outras escrituras. Agora, duas coisas que são interessantes sobre isso, número um, é que Pedro já, novamente, isso está escrito, a data de sua carta varia, mas foi escrita bem antes do final do primeiro século, escrita antes do livro de Apocalipse em algum momento. Mas parece que não muito depois da morte de Paulo, Pedro já tem conhecimento de um grupo de cartas de Paulo que está circulando.

Ele não nos diz quantos existem dos quais ele tem conhecimento. Ele não nos diz a extensão desta coleção de cartas de Paulo. Ele não diz quem as conhece ou até que ponto foram difundidas, mas presume que seus leitores, Pedro, e pelo menos seus leitores, conhecem um grupo de cartas que Paulo já escreveu.

E, novamente, isso foi muito antes, antes do final do primeiro século, por volta de 20, 30, 40 anos ou mais, algo assim. A segunda coisa é notar que Pedro parece compará-los com as outras escrituras. No Novo Testamento, a palavra escrituras ou escritos quase se tornou uma espécie de termo técnico, não exatamente, mas um termo que se refere ao Antigo Testamento.

Portanto, Pedro está ciente da circulação de um grupo de cartas de Paulo e aparentemente as está equiparando às Escrituras. Ele os vê de alguma forma no mesmo nível das escrituras do Antigo Testamento. Agora, Pedro está longe de nos dizer que, ah, agora temos um novo cânon que estamos formando junto com o Antigo Testamento, mas certamente ele vê já surgindo um grupo de escritos e cartas de Paulo que podem ser tratados junto com o Antigo Testamento.

A outra coisa que eu acrescentaria é que, embora os autores do Novo Testamento não pareçam estar cientes, na maior parte, de um grupo de escritos que eles vão chamar de Novo Testamento, assim como o Antigo Testamento, há indícios, pelo menos em alguns deles, de que alguns dos escritores dão indícios de que estão escrevendo algo que será considerado escritura oficial. Por exemplo, um exemplo disso eu acho que é o livro de Apocalipse, que termina no capítulo 22 e nos versículos 18 e 19. O autor termina, eu aviso a todos que ouvem as palavras da profecia deste livro, então João está apenas se referindo ao seu livro, não todo o Novo Testamento.

Se alguém lhes acrescentar algo, Deus acrescentará a essa pessoa as pragas descritas no livro. Se alguém tirar algo das palavras do livro desta profecia, Deus tirará dessa pessoa a parte da árvore da vida. Agora, o que eu quero chamar a atenção são essas palavras adicionando e tirando, e há uma maldição se você adicionar à palavra ou tirar da palavra, que é a linguagem que vem da lei do Antigo Testamento.

E então é como se João visse o livro do Apocalipse como tendo o mesmo nível de autoridade que a lei do Antigo Testamento. Ou seja, houve uma maldição, como é verdade no livro de, esta linguagem vem de Deuteronomio, para adicionar ou subtrair da palavra de Deus. João, isso vem direto do livro de Deuteronomio.

E havia, se você adicionasse ou subtraísse à lei de Moisés, havia uma maldição e havia uma bênção por obedecê-la. Agora John aplica a mesma linguagem ao seu próprio documento. Em outras palavras, João parece estar ciente de que está escrevendo algo no mesmo nível das escrituras do Antigo Testamento.

Então, novamente, não é bem verdade que ninguém no primeiro século tivesse qualquer ideia do que constituía a Escritura. Foi uma espécie de vale-tudo até mais tarde, vários séculos depois. Mas alguns escritores já pensam que estão escrevendo algo semelhante ao Antigo Testamento.

Outro texto interessante é o do apóstolo Paulo, cujas cartas constituem a maior parte do Novo Testamento, pelo menos no que diz respeito ao número de documentos ou escritos. Em um de seus documentos, 1 Coríntios 14, 1 Coríntios 14 é uma seção que examinaremos com mais detalhes quando chegarmos a esse livro. Mas é uma seção onde Paulo instrui a igreja sobre como eles estão abusando dos dons espirituais.

Quando se reúnem para adoração, abusam dos dons espirituais, especialmente de línguas. E Paulo agora está lhes dizendo como deveriam corrigir isso e como deveriam utilizar os dons espirituais quando se reunissem para adoração. E Paulo diz algo muito interessante nos versículos 37 e seguintes.

Observe como ele termina. Isto está no final de suas instruções para dar dons espirituais. E ele nunca cita o Antigo Testamento, embora possa fazer alusão a ele.

Eu não deveria dizer que ele não cita isso. Ele o faz em um lugar no início do capítulo 14. Mas ele está basicamente apenas dando suas próprias instruções.

Aqui está o que eu quero que você faça. E é assim que ele termina o capítulo. Qualquer pessoa que afirma ser profeta ou ter poderes espirituais deve reconhecer que o que estou escrevendo para você é uma ordem do Senhor.

Quem não reconhece isso não deve ser reconhecido. Curiosamente, Paulo equipara suas próprias instruções a uma ordem do Senhor. Como ele pensou que não conta se isso de alguma forma foi uma revelação ou não diz.

Mesmo assim, Paulo pensa que suas próprias instruções têm autoridade e devem ser ouvidas e obedecidas da mesma forma que se faria com o Antigo Testamento. Então, Paulo e outros escritores desde muito cedo, pelo menos alguns deles, não todos eles, não todos os escritores do Novo Testamento, mas alguns parecem estar cientes de que estão escrevendo algo mais do que apenas uma comunicação diária normal, mas algo isso deve ser tomado com a autoridade de um dos apóstolos de Deus ou de um porta-voz de Deus ou com a autoridade do Antigo Testamento. Assim, o primeiro ponto de parada é mesmo dentro do próprio Novo Testamento, parece haver uma consciência de um tipo emergente de consciência canônica, de que há pelo menos uma consciência de um grupo de escritos que funcionarão como escrituras autorizadas.

O próximo ponto de parada, novamente, estou pintando pinceladas muito largas, é um homem chamado Marcion. Um homem chamado Marcião. Marcião era conhecido, ele era uma figura histórica famosa que surgiu algumas centenas de anos após a escrita do Novo Testamento.

Marcião basicamente decidiu reunir, novamente, você pode imaginar uma espécie de pergunta, bem, em quais documentos a igreja ouvirá a voz autorizada de Deus? Que documentos consideraremos como escrituras que testificam da revelação da nova aliança de Deus por meio de seu filho Jesus Cristo? Que documentos consideraremos como testemunhas oficiais disso? Um indivíduo chamado Marcion respondeu a essa pergunta, e o fez desta forma. Ele basicamente, muito, muito

simplesmente, Marcion acreditava nisso. Ele pensava que o Deus do Antigo Testamento não era o mesmo Deus do Novo Testamento.

Ele achava que eles eram diferentes. O Deus do Antigo Testamento era basicamente um Deus de julgamento e lei. O Deus do Novo Testamento, um Deus de graça e amor, algo assim.

E então, o que aconteceu foi que, quando Marcião leu o Novo Testamento, ele se livrou de qualquer coisa que parecesse muito com o Antigo Testamento. Ele pensou, bem, isso não vale a pena. O Deus do Novo Testamento é o Deus de amor e graça, etc.

Então, qualquer coisa que parecesse muito com o Antigo Testamento, Marcião se livrou. E, curiosamente, ele acabou com um cânon ou uma coleção muito limitada de escritos do Novo Testamento. Acho que foi basicamente uma versão muito abreviada e revisada das cartas de Lucas e Paulo.

Todo o resto foi eliminado porque parecia muito com o Antigo Testamento. Então Marcion criou um cânone muito limitado. Mas a razão pela qual ele é importante é porque agora há uma série de razões, mas agora será cada vez mais necessário, por causa desse tipo de coisa, responder a essa pergunta.

Bem, quais documentos a igreja aceitará e considerará como escrituras autorizadas? A primeira referência que temos, pelo menos uma referência existente, novamente, isso não significa que esta seja a primeira vez que alguém pensou nisso. Significa apenas que é o primeiro texto escrito que temos testemunhando os 27 livros que reconhecemos hoje. Mateus até Apocalipse foi escrito por um pai da igreja primitiva.

Lembre-se de que falamos sobre os pais da igreja, aqueles líderes da igreja basicamente dos séculos II, III e IV. E nós temos seus escritos. Muitos deles possuem cópias dos escritos.

Você pode lê-los, traduções em inglês deles. Um dos pais da igreja chamava-se Atanásio. Atanásio era um líder que tinha o hábito de se dirigir à igreja todos os anos, e por igreja, não me refiro apenas a uma reunião da igreja num edifício, mas à igreja em geral e espalhada, dirigindo-se à igreja com uma carta de Páscoa.

E uma de suas cartas de Páscoa, uma de suas cartas de Páscoa em 367 DC, uma de suas cartas, ele abordou a questão dos livros que ele consideraria como Novo Testamento, ou aqueles livros que a igreja... E novamente, isso foi não apenas seu comando sobre o que deveriam fazer. É mais um resumo do que a igreja estava pensando e aceitando como o Novo Testamento. Ele disse que Atanásio disse, novamente, que não devemos hesitar em nomear os livros do Novo Testamento.

Eles são os seguintes. E, novamente, não vou ler isso, mas você pode ver que ele tem os quatro Evangelhos, Atos e, curiosamente, suas ordens são um pouco diferentes das 14 cartas de Paulo. Curiosamente, ele inclui Hebreus nisso.

E finalmente, o Apocalipse de João ou o Livro do Apocalipse. Portanto, esta é a primeira lista atestada dos 27 livros que agora aceitamos como Novo Testamento. Novamente, isso não significa que esta seja a primeira vez que alguém pensa isso.

É apenas a primeira evidência escrita que temos disso. Mencionei outro, mais tarde, cerca de 30 anos depois, um dos primeiros concílios da igreja. Na igreja primitiva, à medida que surgiam diferentes ensinamentos falsos e diferentes problemas e questões, a igreja frequentemente convocava concílios para resolver algumas dessas questões.

E num daqueles chamados Concílio de Cartago, o Concílio de Cartago também lista os 27 livros idênticos às listas do Novo Testamento de Atanásio. Assim, no final do século IV, parece que começou a surgir um consenso claro sobre quais livros seriam considerados pertencentes a este grupo de textos autorizados que chamamos de Novo Testamento, que testificava da nova aliança de Deus. revelação na pessoa de Jesus Cristo. Novamente, o que eu enfatizaria, é interessante que Deus escolheu trabalhar através de um processo muito humano de debater, trabalhar e resolver isso, em vez de, novamente, apenas lançar no dia seguinte após o Apocalipse ter sido escrito, a igreja despertando. e Deus simplesmente jogando a lista no colo deles, ele trabalhou através de processos muito humanos para trazer uma compreensão e concepção de quais documentos a igreja consideraria como escrituras autorizadas.

Uma pergunta interessante que acho que tenho em seu plano de estudos é: por quais critérios eles decidiram isso? Quero dizer, que critérios aparentemente a Igreja usou, mais uma vez, para decidir quais documentos aceitaremos? E a primeira coisa a dizer sobre isso é que não acho que haja um slide do PowerPoint nisso. Não, eu não. Há uma razão para eu ter aquele desenho animado do Peanuts que mostrarei a vocês em um momento.

Não é um acidente. Pelo menos espero que não. Primeiro de tudo, a igreja aparentemente não operava com uma lista de verificação, então eles trouxeram Mateus e analisaram a lista.

Sim, atende a cinco dos critérios. Nós aceitaremos isso. E eles trouxeram Mark.

Sim, está tudo bem. E então eles trouxeram algum outro documento. Faltou alguns, então temos que jogá-lo fora.

E eles tinham toda essa pilha de documentos, e os que passaram no teste surgiram, e os outros meio que foram jogados fora. Não foi assim que funcionou. Eles não

pareciam necessariamente estar trabalhando com uma lista de verificação e comparando documentos com ela.

Ao mesmo tempo, o que sabemos historicamente é que ainda assim estes documentos pareciam satisfazer certos critérios ou pelo menos pareciam corresponder a um certo entendimento. E havia pelo menos três. Poderia ter havido mais, mas há pelo menos três para os quais quero chamar a atenção e que um documento parecia ter que refletir se seria considerado escritura oficial.

O primeiro foi a conformidade. Era um documento que deveria estar em conformidade. O ensino deve estar em conformidade com o ensino de Jesus e o ensino dos apóstolos.

Deve estar em conformidade com o evangelho. Já existia, leia o Novo Testamento. Muito antes de existir um Novo Testamento, havia claramente uma concepção do evangelho que os apóstolos transmitiram e pregaram e ensinaram.

Então, qualquer coisa que não estivesse de acordo com isso, qualquer coisa que se desviasse disso provavelmente seria questionada. Aqueles documentos que testemunhassem isso e estivessem em conformidade com aquilo seriam considerados escrituras. Outro importante é a aceitação universal.

Isto é, a igreja como um todo deve aceitar, deve reconhecer que este documento é uma Escritura e deve encontrar valor nele. Documentos que parecem surgir ou serem aceitos apenas por seitas ou grupos exclusivos provavelmente não seriam aceitos. Mas aqueles documentos que a igreja como um todo parece considerar valiosos e parecem considerar confiáveis.

E finalmente, na maior parte, um documento deve ser escrito por um dos apóstolos de Jesus ou por um de seus associados. Então, obviamente, um livro de alguém como Paulo ou Pedro será um bom candidato para estar no Novo Testamento. Ou um livro de alguém como Marcos, que, segundo a tradição, foi um colaborador próximo de Pedro ou um intérprete de Pedro.

Ou Lucas, que é conhecido por ser associado de Paulo. Portanto, a maioria dos documentos do Novo Testamento são produzidos por um apóstolo ou por alguém intimamente associado a ele. Então, novamente, apenas para demonstrar que parece que muito cedo surgiu na igreja a consciência de um grupo de escritos que testificavam deste relacionamento da nova aliança em Cristo.

Este relacionamento da nova aliança antecipado pelo Antigo Testamento, agora inaugurado em Cristo, que um grupo de documentos cresceria em torno daquilo que testificava disso. E já existe uma consciência emergente disso, que embora tenha levado quase 300 anos antes que sua forma final emergisse, a igreja ainda assim

era... Historicamente, ela sempre soube onde poderia se voltar para encontrar escrituras autorizadas e ouvir a voz de Deus continue falando com eles. E, curiosamente, Deus escolheu mais uma vez trabalhar através dos processos e mecanismos humanos da história, a fim de trazer o reconhecimento daqueles documentos que a igreja reconheceu como escrituras autorizadas.

Agora a próxima questão é: como lemos isso ou como interpretamos este grupo de escritos que chamamos de cânon do Novo Testamento? Ao chamá-lo de cânone do Novo Testamento, o perigo é que alguém fique tentado a vê-lo como uma espécie de bloco monolítico. Isso significa tratar, novamente, o Novo Testamento como basicamente um grupo homogêneo de documentos que simplesmente se assemelham entre si. Você os lê da mesma maneira, eles têm o mesmo conteúdo, e você meio que os lê de forma plana, sem ver nenhuma variação ou diferença.

Ao mesmo tempo, o que é único, e penso que é um testemunho da sabedoria de Deus, mas também da igreja, o desejo da igreja de preservar um cânone do Novo Testamento em toda a sua riqueza e diversidade, é o facto de que embora reivindicamos o Novo Testamento O Testamento é um livro, ao mesmo tempo que é uma diversidade de textos que não apenas abordam uma variedade de questões e tópicos escritos em épocas diferentes, mas são compostos por diversos tipos literários. Sempre pensei que seria interessante parar e pensar, o que não faremos, mas seria interessante parar e pensar se Deus escolheu revelar-se no século 21, que meios ele usaria, literário ou outro, para se revelar. No primeiro século, Deus revelou-se através dos gêneros ou tipos literários normais, comuns e padrão do primeiro século.

Um gênero é, se você fala francês ou estuda francês, gênero significa um tipo ou tipo. É frequentemente aplicado na crítica literária e nos estudos bíblicos a tipos de literatura, a diferentes tipos de literatura que podem ser agrupados porque partilham características reconhecíveis, como cartas, romances, poemas ou coisas assim, para usar categorias muito amplas. O mesmo se aplica ao Novo Testamento.

É composto por uma diversidade de tipos literários, e é aí que isso entra. Agora, a maioria de nós olha para isso e automaticamente reconhece o que estamos vendo. Você está olhando para um desenho animado.

Mais especificamente, você está vendo um desenho animado do Peanuts. Mais especificamente, estou me concentrando em documentos escritos. Quais são os indicadores, apenas para mostrar como todos os dias você toma decisões sobre gênero, e isso interpreta a maneira como você lê algo, mesmo que você não tenha consciência da maneira como o faz? Que características indicam claramente que você está vendo um desenho animado, em vez de um documentário histórico ou de esportes, a seção de esportes do jornal ou qualquer outra coisa? Em seguida, veremos o impacto que isso tem em como você entende isso.

Quais são as características deste texto? Você provavelmente terá que pensar porque, novamente, você faz isso inconscientemente. Você não para e pensa, agora isso é um desenho animado por esse e por esse motivo. Você simplesmente reconhece o que é e entra nisso porque isso faz parte do nosso código cultural e entendimento compartilhado.

O facto de ser composto por segmentos de imagens, uma sequência de imagens e de ser desenhado. Em outras palavras, não são fotografias. Estas não são fotografias reais de alguma pessoa.

São caricaturas ou são imagens desenhadas. Novamente, se você visse alguém fisicamente parecido com isso, isso seria grotesco. Reconhecemos que isso é aceitável para desenhos animados.

São caricaturas. O fato de você ter essas sequências de quadros que retratam movimento é uma indicação de que você está lidando com um desenho animado. Algo mais? Além de dizer amendoim, reconhecemos que é uma espécie de desenho animado.

Sim, você pegou as bolhas. É assim que eles retratam a fala ou o pensamento, pelas palavras bolhas no topo das molduras. Então, todas essas coisas nos fazem reconhecer automaticamente que se trata de um determinado gênero literário de desenho animado.

Agora, o problema está no Novo Testamento, muitas vezes lidamos com gêneros literários com os quais não estamos familiarizados. São gêneros que os primeiros leitores teriam compreendido e familiarizado, mas que podem ser um pouco mais estranhos para nós. Mesmo aquelas que têm alguma analogia com os nossos dias, como as cartas de Paulo.

A maioria de nós ainda lê e escreve cartas, mas as cartas do primeiro século podem ter sido organizadas de maneira diferente ou podem ter funcionado de uma maneira um pouco diferente ou ter partes diferentes daquelas com as quais estamos acostumados. Então, quando olhamos para o Novo Testamento, teremos que entender, novamente, não apenas o contexto histórico, político, religioso, cultural, mas também o contexto literário. Entenda que tipo de gêneros literários os autores do Novo Testamento utilizam, gêneros que eram comuns em sua própria época e sobre os quais a maioria das pessoas, assim como nós, simplesmente não pensaria muito, mas que talvez tenhamos que pensar mais intencionalmente sobre o que os gêneros literários fizeram os autores usarem e como isso afeta a maneira como interpretamos um texto.

E daremos alguns exemplos disso. Por exemplo, estou convencido de que o livro do Apocalipse será mal compreendido, a menos que você compreenda, pelo menos parcialmente, o gênero literário em que foi comunicado e como os primeiros leitores o teriam compreendido e compreendido. Assim, para os gêneros literários do Novo Testamento, os tipos literários básicos, novamente, o primeiro é aquele com o qual a maioria de nós está bastante familiarizada, mas, novamente, eles ainda podem ter convenções um pouco diferentes da maneira como escrevemos. e leia narrativas ou histórias hoje.

Os Evangelhos e o livro de Atos, embora eu não queira agrupá-los todos e dizer que Atos e os Evangelhos são necessariamente idênticos, ambos pertencem ao tipo literário de narrativa. Portanto, devemos lê-los não como receitas ou como descrições científicas e documentos de um experimento, nem como epístolas ou descrições diretas, mas devemos lê-los como autores que se comunicam por meio de histórias. Estou convencido de que aqueles que são mais capazes de compreender os Evangelhos muitas vezes entendem como os romances e como funcionam a narrativa e a história.

E quando você entende como uma narrativa e uma história funcionam, como ela se comunica, muitas vezes você é mais capaz de entender e ler os Evangelhos. Novamente, porque os autores se comunicam através da história. A chave é entender por que os autores escrevem. O que eles estavam tentando fazer ao reunir as histórias que fizeram? Em outras palavras, de tudo o que Jesus disse e fez, por que os autores escreveram e incluíram o que fizeram? É interessante quando você lê Mateus, Marcos, Lucas e João, espero que você já tenha percebido isso, nenhum deles conta tudo o que Jesus disse e fez.

Exceto Lucas, nenhum deles conta nada sobre Jesus quando criança. E Luke apenas diz algo muito brevemente. A maioria deles vai direto para o seu ministério adulto.

E apenas dois deles falam sobre seu nascimento. Portanto, os escritores dos Evangelhos não estão escrevendo biografias no sentido que conhecemos. Eles estão escrevendo biografias do primeiro século que poderiam ser seletivas.

Ou seja, os autores, Mateus, Marcos, Lucas e João, tinham uma intenção, uma intenção teológica, algo que queriam dizer à igreja sobre Cristo, algumas questões que estavam abordando, e incluíram apenas aqueles eventos fora do conjunto. de informação. Todas as informações que eles tinham sobre a vida de Jesus, seu nascimento, sua vida, seus ensinamentos, sua morte e ressurreição, eles incluíram as informações e as reuniram de uma forma que comunicasse e atingisse seu propósito. Como veremos, na minha opinião, é por isso que temos quatro Evangelhos.

Por que a igreja simplesmente não teve um amálgama de um grande Evangelho? Alguém realmente tentou isso muito cedo na igreja. É porque todos os quatro

Evangelhos apresentam abordagens complementares, mas muito diferentes, sobre quem é Jesus. E sem nenhum deles, seríamos empobrecidos em alguns aspectos quanto à nossa compreensão de Cristo.

Portanto, precisamos entender que os Evangelhos são narrativas, histórias escritas segundo os padrões das biografias do primeiro século. E, novamente, os Evangelhos não dizem: isso é o que você deve fazer, mas em vez disso, eles ilustram contando uma história. Eles ensinam por meio de narrativa ou história.

Outra boa forma de se familiarizar com as histórias é analisando filmes. Se você puder analisar como os filmes funcionam e como eles comunicam seu ponto de vista, você se tornará um adepto melhor, creio eu, da leitura de romances. Através de coisas como repetição e diálogo.

Novamente, os escritores de uma narrativa não saem e dizem exatamente, é isso que estou dizendo. Eles fazem isso contando uma história. Ao compreender a história, como funcionam as narrativas através do diálogo, da repetição, dos trechos onde o autor passa mais tempo, etc.

E você costuma ver isso em filmes. Não faz muito tempo, não sei se algum de vocês assistiu, só aqui, não faz muito tempo, eles meio que assistiram, acho que foi o 25º aniversário dos filmes De Volta para o Futuro de Michael J. Fox. Talvez alguns de vocês tenham assistido isso.

O primeiro, o primeiro foi o primeiro encontro que tive com minha esposa, para assistir De Volta para o Futuro 1. É interessante assistir isso e ver como a história funciona. A ideia principal que eu acho que o filme está tentando transmitir é repetida algumas vezes, é repetida em diálogos algumas vezes, especialmente no final do filme, e depois é ilustrada com uma série de coisas interessantes. E acho que a ideia principal do filme é que você pode realizar qualquer coisa se apenas usar a cabeça.

Essa frase está incluída em algumas linhas. E alguém se lembra da última cena? Isso acontece algumas vezes. A cabeça tem um papel fundamental, principalmente quando o médico, ele caiu e está com um curativo na cabeça, bateu a cabeça.

Alguém se lembra bem no final, quando Marty McFly está no DeLorean e ele tem que subir a coisa, ele tem que pegar o carro, ele tem que dar partida e sair da linha de partida em um determinado ponto, e ele tem que acelerar até 140 quilômetros por hora para que ele seja impulsionado de volta aos seus dias, ao futuro. E o carro para logo quando o alarme toca, ele tem um alarme no carro que deveria disparar para avisar quando ele deveria sair, e o carro para exatamente quando isso acontece, quando o alarme dispara. Alguém sabe como ele liga o carro? Alguém se lembra? Ele bate a cabeça no volante.

Então, você tem, por meio da repetição de cenas diferentes, por meio de diálogos cruciais, a ênfase em que você pode fazer qualquer coisa se usar a cabeça. E é assim que a narrativa funciona. Então, veremos isso quando olharmos para os Evangelhos, como a repetição e coisas assim nos ajudam a entender qual é o ponto principal das biografias, a narrativa de Mateus, Marcos, Lucas e João.

Tudo bem, temos três outros tópicos literários.

Dave Mathewson apresentando História e Literatura do Novo Testamento, palestra 5 sobre o Natal e o Cânon.